

Um estudo semiótico num suposto caso de bullying envolvendo aluna surda

Letícia Capelão, Maria do Carmo Ferreira Santos

Faculdade de Letras - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Belo Horizonte, MG – Brazil

leticiaacapelaoacademico@gmail.com, maduferreira@yahoo.com.br

Resumo: O artigo apresenta um estudo semiótico da veridicção e isotopia, na visão da semiótica francesa, num suposto caso de bullying retratado em um vídeo "Jovem surda é vítima de bullying de colegas e professora em escola no Rio". A análise do vídeo, na perspectiva da semiótica, mostra como a estratégia da veridicção pode levar o enunciatário a se deixar influenciar pelo enunciador. Ao identificarmos as isotopias utilizadas pelo enunciador, foi possível compreender como elas definem um percurso programático para a construção do efeito de sentido de verdade, interno ao texto, uma espécie de debreagem veridictória que cria o efeito de "plausível", recurso muito utilizado quando se busca a adesão de um auditório que se alimenta de sensacionalismos.

Palavras-chave: bullying, surdez, isotopia, veridicção, semiótica, manipulação

1. Escopo teórico

O conceito de veridicção na semiótica envolve a verdade como um efeito de sentido da linguagem. Conforme destaca Matte (no prelo):

"Veridicção é uma questão central em semiótica, remontando à própria episteme da teoria. Diferente da lógica, a semiótica discute a verdade como efeito de sentido do texto: trata-se sempre da construção de um efeito de realidade ou irreabilidade, de verdade/falsidade/segredo/ilusão, ou seja, do dizer verdadeiro e não da verdade propriamente dita." (MATTE, no prelo, p. 1)

Na visão da semiótica, a verdade é então um efeito de sentido da linguagem, um dizer verdadeiro "cujos graus são analisáveis pela relação entre a imanência e a manifestação dentro do próprio discurso." (LARA & MATTE, 2011, p. 1 e 5). Onde a manifestação é o esquema parecer/não parecer e a imanência é o esquema do ser/não ser, ambos constituindo a categoria da veridicção onde atua "o jogo da verdade". Conforme destacam as autoras, a aceitação da verdade de um texto (e no escopo do artigo o vídeo

“"Jovem surda é vítima de bullying de colegas e professora em escola no Rio") é uma questão de fúducia, de confiança. E além da relação de identidade entre o receptor e o enunciatário do texto, depende também do quadro de valores que o destinatador crês serem valores do destinatário e na confiança do destinatário no enunciador.

Com foco na estrutura da enunciação (comunicação), Greimas & Courtés (2008) definem:

“Enunciador/Enunciatário: A estrutura da enunciação, considerada como quadro implícito e logicamente pressuposto pela existência de enunciado, comporta duas instâncias: a do enunciador e a do enunciatário. Denomina-se enunciador o destinatador implícito da enunciação (ou da “comunicação”), distinguindo-o assim do narrador – como o eu, por exemplo, que é um actante obtido pelo procedimento de debreagem, e instalado explicitamente no discurso. Paralelamente, o enunciatário corresponderá ao destinatário implícito da enunciação, diferenciando-se, portanto do narratário (por exemplo: “o leitor compreenderá que...”) reconhecível como tal no interior do enunciado. Assim compreendido, o enunciatário não é apenas destinatário da comunicação, mas também sujeito produtor do discurso, por ser a “leitura” um ato de linguagem (um ato de significar) da mesma maneira que a produção do discurso propriamente dito. O termo “sujeito da enunciação”, empregado frequentemente como sinônimo de enunciador, cobre de fato as duas posições actanciais de enunciador e de enunciatário”. (GREIMAS, A.J., COURTÉS,J., 2008. p. 171).

Na manipulação, conforme destaca Barros (2005), o destinatador propõe um contrato e exerce a persuasão para convencer o destinatário a aceitá-lo. A autora apresenta então as quatro grandes classes de manipulação: a provocação, a sedução, a tentação e a intimidação. Estes tipos de manipulação podem ser organizados a partir de dois critérios: competência do manipulador (sujeito do poder/sujeito do saber) e da alteração modal na competência do destinatário (dever fazer/querer fazer) oferecendo valor positivos ou negativos e focalizando em imagem positiva ou negativo do enunciatário. Matte (no prelo) ressalta que o valor/imagem positivos resultarão na modalização do destinatário pelo querer (tentação/provocação) e o valor/imagem negativos resultarão na modalização pelo dever (intimidação e provocação).

A isotopia, conceito do domínio da Física, na semiótica é definida como “recorrência de categorias sêmicas ao longo de um texto, sejam elas temáticas (abstratas) ou figurativas. Trata-se de uma espécie de plano de leitura que confere ao texto uma unidade de sentido.” (LARA & MATTE, 2011, p. 1 e 5). A partir de uma reflexão sobre o conceito, a noção de isotopia apresenta duas definições diferentes: uma com foco na iteração de classemas, do elemento para o conjunto, sendo uma abordagem mais restrita; a segunda tem foco na redundância de um efeito de sentido, sob a responsabilidade do enunciador.

E uma abordagem mais atual e mais ampla, a análise é feita do conjunto para o elemento, considerando “as operações de construção do sentido pela atividade enunciativa do autor e do leitor”. (BERTRAND (2003) apud LARA & MATTE (2011)). A análise apresentada neste artigo se baseia no conceito de isotopia a partir desta segunda abordagem, também explorada por Matte (no prelo), que apresenta uma análise entre veridicção e paixão a partir dos entrelaçamentos narrativos e discursivos e destaca: “as isotopias do texto definem um percurso pragmático para a construção do efeito do sentido de verdade interna ao texto, uma espécie de verdade veridictória que um efeito de ‘plausível’ (...)”.

A nossa hipótese é que os repórteres utilizaram a estratégia de veridicção e manipulação (por provocação) a partir da construção do efeito de sentido de verdade interno ao texto. Neste contexto, consideramos que não se trata de um caso de bullying real.

2. Metodologia

O vídeo "Jovem surda é vítima de bullying de colegas e professora em escola no Rio" apresentado no RJ no ar foi transcrito e analisado.¹

O texto descrito e considerado como bullying foi narrado pelos repórteres em um vídeo apresentado no RJ no ar. Realizamos então uma análise do plano de conteúdo com o plano de expressão, na visão da semiótica francesa, a partir dos conceitos de veridicção e isotopia.

3. Contextualizando o plano de conteúdo

"A adolescente não leu o livro solicitado pela professora e também não conseguiu fazer uma prova. Ela teria sido humilhada em sala de aula e teve a blusa do uniforme rabiscada." Essa é a chamada do vídeo apresentado no RJ: Jovem surda é vítima de bullying de colegas e professora em escola no Rio.

Para fins de contextualização e análise do plano de conteúdo, apresentamos a transcrição do vídeo na íntegra destacando os "atores" de cada fala:

¹ <http://videos.r7.com/jovem-surda-e-vitima-de-bullying-de-colegas-e-professora-em-escola-no-rio/idmedia/4e60d490e4b0d8fde1c5ad4a.html>

(reporter1) “Uma história triste, uma jovem surda-muda não quer mais ir à escola. Ela denuncia que está sofrendo bullying em sala de aula, não só dos colegas. A família afirma que até a professora teria contribuído para que essa situação piorasse muito. Veja só...

(reporter2) Esta jovem tem 15 anos. Ela nasceu surda e muda. Mas esse sinal é de conhecimento de todos. Você quer voltar para a escola?

(surda) Não

(reporter2) O motivo ela também consegue facilmente explicar com as mãos. A adolescente chorou muito porque disse ter sido humilhada na Escola Municipal Francisco Campos. Ela não leu o livro solicitado pela professora e, por isso, não conseguiu fazer uma prova. A mãe conta o que aconteceu depois.

(mãe) Ela não soube fazer o trabalho, porque ela não lembrava do livro. Aí ela escreveu "não li o livro" e entregou para a professora. A professora levantou o papel na sala de aula e falou: você vai ganhar zero. E todas as crianças da sala repetiram o que a professora fez com ela. Quer dizer, ridicularizou minha filha, a professora. E crianças da sala de aula, acompanharam o que a professora fez.

(reporter2) Gestos que não saem da cabeça da jovem: os rabiscos citados pela mãe e sinalizado pela moça são visíveis na camisa do colégio. Inconformada com o que aconteceu, Daniela resolveu pedir ajuda, mas ficou frustrada.

(mãe) Eu fui à escola conversar com a diretora, levei a blusa rabiscada e a minhas duas filhas. Chegando lá, ela falou para mim. Eu só tenho opção para te dar: ou você troca o horário da sua filha, bota ela para tarde, porque a professora não pode sair, porque ela é concursada.

(reporter2) Para entender melhor o que passa na cabeça desta adolescente, eu pedi para que ela escrevesse em um papel o que ela sente neste momento, tudo que ela passou.

(reporter2) [Lê o que surda escreveu no papel] "Agora aconteceu que eu não quero ir para a escola. Porque eu fico triste em não ir para escola. Porque as pessoas, os alunos olhando para mim. Agora eu tenho vergonha de ser surda." Emocionada a mãe fica surpresa com o que a filha acaba de confessar.

(mãe) Ela nunca falou para mim que ela tinha vergonha de ser surda. E hoje ela diz para mim que tem vergonha. Mas ela não tem culpa de ter nascido assim. Ela não pediu. Ela só nasceu.

(reporter2) O sentimento de exclusão talvez demore um pouco a ser esquecido. E mesmo não indo para a escola, a aluna dedicada não abre mão de estudar em casa. Com um dom incontestável, são aos desenhos que ela se entrega de verdade. A imaginação parece fluir. E somente desta forma, ela consegue sonhar com um mundo de igualdade e cheio de sorrisos.

(mãe) Eu quero que ela volte a estudar. Ela precisa estudar. Ela tem direito, é um direito que ela tem, como criança. O que eu vejo é que todo direito que a criança tem neste momento está sendo negado."

(reporter1) A secretaria municipal de educação afirmou que vai apurar esta denúncia. Caso seja comprovada, as medidas cabíveis serão tomadas. A secretaria ressaltou que não admite conduta que desrespeite o aluno.

4. Análise do plano de conteúdo

A partir de uma análise do plano de conteúdo com o plano de expressão, é possível notar algumas discordâncias. Dentre elas: a repórter solicita à menina que escreva o que ela

está sentindo e ela escreve "Agora aconteceu que eu não quero ir para a escola. Porque eu fico triste em não ir para escola. Porque as pessoas, os alunos olhando para mim. Agora eu tenho vergonha de ser surda." Conforme nos alerta Matte (no prelo), "a veridicção é uma questão central em semiótica" pois a veridicção discute a verdade como efeito de sentido do texto.

Os repórteres construíram uma narrativa com um "efeito de realidade" como um dizer verdadeiro, ou seja, nos levando a crer que a aluna sofrera bullying. O enunciatário imaginado pelo enunciador, no contexto da reportagem é um público ingênuo, sem conhecimento e que acredita que a verdade está sendo dita. Ele se deixa convencer por reportagens sensacionalistas. O enunciador julga que esse enunciatário ingênuo não seria capaz de perceber as sutilezas e as discrepâncias entre as falas do repórter, da mãe e da adolescente. De acordo com Cruz (2008, p.2), o ingênuo não é apenas aquele que está em disjunção com um saber, mas que apresenta um crer excessivo e, por essa razão, reprovável. A ingenuidade nasce, portanto, de uma combinação especial das modalidades do crer e do saber: a primeira, em demasia; a segunda, escassa.

"Para a semiótica, as relações contratuais entre o enunciador e o enunciatário são relações de comunicação e manipulação" (LARA e MATTE, 2009). Evidencia-se então uma relação contratual entre o público e a mensagem do vídeo estabelecida através da comunicação e manipulação. "A manipulação é a proposição de um contrato. (...) Para que a manipulação seja eficaz, o destinatário precisa confiar/crer nesses elementos de manipulação. Por isso chamamos o contrato na manipulação de contrato fiduciário." (MATTE, no prelo). Antes da reportagem, a aluna não tinha vergonha da sua condição. Alcançada a intenção de manipulação pela provocação, a reportagem consegue fazer com que a aluna passe a ter vergonha de ser surda muda. E ela, sujeito modalizado pelo fazer-fazer, denuncia esta modalização ao verbalizar: "Agora eu tenho vergonha de ser surda" que justifica o seu não dever-querer ir à escola. O adjunto adverbial de tempo tão ressaltado "Agora" marca a modalização alcançada pela provocação, a de que o destinatário assume que o destinador sabe ou desconfia da sua auto imagem negativa.

Outra evidência de manipulação pode ser observada quando a mãe da aluna, ao explicar o fato de que a filha não havia lido o livro marcado como tarefa, diz que ela não se lembrou do livro e, por isso, escrevera que não soube fazer a atividade. Percebemos uma quebra isotópica dessa falta de cumprimento do dever escolar. A repórter não pergunta à aluna o porquê de não ter feito a atividade e nem deixa ao telespectador a pausa para

que ele perceba essa falta. A razão é a real intenção (porém oculta) da reportagem em manipular o público a crer que a situação apresentada no vídeo se trata de um caso real de bullying, explorando a situação especial de uma aluna que é surda.

O vídeo não apresenta um contexto da situação especial vivenciada pelos alunos surdos em escolas, assim como das dificuldades de comunicação entre os alunos e os professores ao se relacionarem com os surdos. A aluna surda não leu o livro porque era um livro com um vocabulário complexo para ela em língua portuguesa? Esta informação não é abordada em nenhum momento na reportagem. A maioria dos surdos apresenta dificuldades de leitura e escrita com a língua portuguesa, por se tratar de uma segunda língua para eles. A primeira língua, considerada língua natural dos surdos (no Brasil) é a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Entretanto, a reportagem não apresenta quaisquer informações que envolvam o nível de conhecimento que a aluna tinha da língua portuguesa ou de Libras. Apenas declara que a jovem tem 15 anos, nasceu surda e muda e já exploram o bullying: "(reporter2) Esta jovem tem 15 anos. Ela nasceu surda e muda. Mas esse sinal é de conhecimento de todos. Você quer voltar para a escola? (surda)"Nao".

Com o foco no comportamento da aluna, percebe-se que ela esperava que a professora a compreendesse por não ter lido o livro e lhe desse outra oportunidade. Esperava a compaixão da professora por ela, afinal ela era surda muda. A aluna surda fecha o contrato à espera de reconhecimento mas percebe que a professora foi incapaz de cumprir o contrato proposto. Ela quer-ser reconhecida e respeitada como surda e, baseada num poder-ser, é frustrada (saber-não-poder-ser) é levada ao desespero (saber-não-ser), se decepciona (não-crer-ser) e se revolta (não-poder-ser).

Decepcionada, a professora repreendeu a aluna em voz alta na sala de aula. É o que a reportagem informa mas não ofereceu à professora o direito de falar, de explicar o que havia ocorrido. Também decepcionada com a professora, a aluna se manifestou à repórter dizendo que não queria mais ir à escola e que "agora sentia vergonha de ser surda". Só agora, antes não. Agora, depois de ter conversado com os repórteres. Neste percurso passional há um simulacro de tipo especial: a imagem-fim, a cena da realização do bullying vivida pela aluna, simulada pelos repórteres, criando um estado de espírito que a livra de sentir a responsabilidade de não ter lido o livro. Para que este contrato fosse fechado, e a aluna aceitasse dizer que sofrera bullying, a manipulação articulada pela reportagem precisava despertar nela a vergonha de ser surda muda, para que entse rejeitasse e passasse a ter vergonha de ir à escola.

Para dar continuidade à manipulação, agora do público, ao identificarmos as isotopias: isotopia do fenômeno bullying e a isotopia do fenômeno "ser surda muda" podemos compreender como uma situação camufla a outra. Vejamos as isotopias do fenômeno bullying: "está sofrendo bullying em sala de aula não só pelos colegas" "a família" (foi somente a mãe) afirma que até a professora teria contribuído para que essa situação piorasse". Vejamos a isotopia do fenômeno "ser surda muda": "Uma história triste, uma jovem surda-muda", "agora, eu tenho vergonha de ser surda", "fica surpresa com o que a filha acaba de confessar", "Ela nunca falou que ela tinha vergonha de ser surda", "hoje ela diz para mim que tem vergonha", "ela não tem culpa de ter nascido assim (surda)", "Ela não pediu, ela só nasceu(surda)." Essa isotopia perpassa todo o texto garantindo a coerência da afirmação do repórter que diz que a aluna sofreu bullying por ser surda e, portanto, espera que o enunciário confirme o fato narrado por ele. O repórter apela também para a isotopia da família para dizer que uma família inteira foi maculada pelo bullying. É possível perceber a isotopia da opinião, de forma muito intensa em todo o texto, com o objetivo de buscar a adesão do telespectador à verdade denunciada: Uma história triste, denuncia, afirma, conhecimento de todos, chorou muito, disse ter sido humilhada, não soube fazer, não lembrava, ridicularizou minha filha, inconformada, ficou frustrada, para que ela escrevesse, ficou frustrada, acaba de confessar, direito que ela tem, todo direito que a criança tem, consegue sonhar com um mundo de igualdade, um direito que neste momento está sendo negado. Uma "opinião é um julgamento do parecer sobre o ser, uma relação portanto hierárquica entre o ser e o parecer, depende do ponto de vista, ponto de vista este buscado construir exaustivamente pelos sujeitos da reportagem". Como ressalta Matte (s.d.), "As isotopias do texto definem um percurso programático para a construção do efeito de sentido de verdade interno ao texto, uma espécie de debreagem veridictória que cria o efeito de "plausível" para buscar a adesão do seu auditório, o qual se alimenta do sensacionalismo. "

O segundo fato é que esta adolescente, ao passar pela situação desagradável de ouvir a professora dizer em voz alta frente à turma, que ela ganharia o zero, sentiu-se humilhada e, por isso, não quer mais ir à escola. O texto (narrativa dos repórteres) quer fazer crer que ela não quer ir mais à escola por ter sido humilhada mas, também nos leva a comprovar pelas palavras da aluna, que não é bem assim pois ela afirma "agora, não quer ir à escola por ter vergonha de ser surda", fato nunca antes verbalizado, como afirma sua mãe.

Outra evidência de que a reportagem tinha a intenção de manipular a opinião do auditório é a filmagem bem enquadrada do desenho da aluna de muitas janelas iluminadas (numa alusão às inúmeras possibilidades da vida), uma personagem sorridente olhando no olho de uma outra, ao lado de uma pessoa com um olho só. "Somos seres olhados no espetáculo do mundo", observa Merleau-Ponty (1945). O olhar persecutório do paranóico nos ensina que somos olhados por todos os lados. Mas a figura que olha só tem um olho e o olhar não está completo. Sem o olhar do outro, não existimos, mas a maneira como somos olhados define um destino". O olhar do outro, o do repórter, a fizera sentir vergonha de ser surda muda. O destino daquela aluna estava traçado agora pela reportagem. O câmera-man não para numa figura estranha de um olho só desenhado pela aluna, apenas passa por ela, fechando a câmera num sorriso de duas personagens que se olham com cumplicidade e carinho. Ele busca a adesão do telespectador para a opinião de que a adolescente precisa de compaixão. O pensamento se realiza, essencialmente, por meio de imagens.

Essa aluna manifesta no desenho da figura sem um olho sua própria falta de coragem de olhar para si mesma, só agora reconhecida, entretanto camuflada na isotopia do bullying. Em todas as configurações citadas acima, há sempre o caráter traumático da imagem visual. A lembrança das imagens contamina os pensamentos do sujeito, fazendo-o sofrer e ele então manifesta esse sofrimento no desenho da figura sem o olho. Ela não quer ver mas está vendo. A câmera, no início da matéria, enquadra o olhar da adolescente, a sugerir que aquele olhar é parte do percurso gerativo do sentido, fazendo reforçar a importância das primeiras impressões visuais na organização psíquica do ser falante que, antes de ser capaz de falar, vê e integra as impressões apreendidas na relação com o outro. Dessa forma, qualquer texto, e lembrando Greimas (1979), "fora do texto não há salvação" é um dizer verdadeiro, por mais verossímil, produz um dizer verdadeiro por meio da veridicção.

5. Considerações finais

"A adolescente não leu o livro solicitado e também não conseguiu fazer uma prova." Qualquer aluno, seja ele, surdo ou ouvinte (pessoa que ouve) também poderia não conseguir fazer a prova nesta situação. A questão que interroga esse fato é a razão pela qual a atividade solicitada pela professora não fora desenvolvida pela aluna. Responder a essa pergunta faria com que o repórter perdesse a oportunidade de alcançar a audiência. Ele tinha à sua frente, uma aluna surda muda negra, socialmente reconhecida em seu

meio como excluída que, por não ter lido o livro, não conseguiu fazer uma tarefa e, por outro lado, um público ingênuo, capaz de se deixar convencer por um suposto discurso de bullying. Ele se aproveita da situação e, sabendo dessa imagem negativa, usa sua competência modal de destinador pelo saber e poder para buscar na aluna, a imagem negativa de surda e por isso, alvo do bullying pela professora. Ele a modaliza pelo dever. Fragilizada, ela aceita o contrato de manipulação e declara: “agora”. Sim, agora, antes não. Agora ela já tem vergonha de ser surda muda. Agora que ele mostrou que ela é surda, que precisa ter vergonha de ser assim e que foi, por esse fato, que a professora lhe deu zero. Não tendo que assumir, perante si mesma e sua mãe, a responsabilidade de ter criado aquele zero, ela então desvia o olhar que a acusa. Ela desconfiava que o olhar do destinador sabia da sua rejeição, ainda não reconhecida, por ser surda. A cruel estratégia da provocação a fizera assumir aquela imagem negativa. Vencido o primeiro destinatário, o repórter passa a intensificar as isotopias da família marcada pelo bullying e, assim, busca a cumplicidade do público. Ele não podia perceber as dissonâncias entre as falas da aluna e da mãe com a sua. Dessa forma, ela o leva a crer que se trata de um caso de bullying real.

Cenas como esta invadem, com muita frequência, as casas de pessoas com pouco ou escasso capital cultural e social. São ingênuas e, portanto, vulneráveis. Cabe à escola, criar mecanismos para que os seus alunos aprendam a identificar as sutilezas desses procedimentos persuasivos que querem induzir o destinatário a acreditar na verdade de discursos contaminados pelas várias formas de manipulação. Virtualizados pelo querer e pelo saber, sentir-se-ão seguros para rejeitar a crueldade desse contrato.

6. Referências

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Atual, 1988.

_____. *Teoria Semiótica do Texto*. São Paulo: Editora Ática, 2005.

BERNARDINO, E. L. *Absurdo ou lógica? A produção lingüística dos surdos*. Belo Horizonte: Profetizando Vida, 2000.

BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. SP: EDUSC, 2003.

BOTELHO, P. *Linguagem e letramento na educação dos surdos - Ideologias e práticas pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005.

CRUZ, D.S. *Algumas considerações sobre o crer e o saber*. Estudos Semióticos n.4, 2008.

GREIMAS, A.J., COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.

FIORIN, José Luiz. *Paixões, afetos, emoções e sentimentos*. Cadernos de Semiótica Aplicada. Vol. 5.n.2, dezembro de 2007.

LARA, Gláucia Muniz Proença; MATTE, Ana Cristina Fricke. *Ensaio de Semiótica: aprendendo com o texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

MATTE, Ana Cristina Fricke. *Veridicção e paixão: entrelaçamentos narrativos e discursivos*. (no prelo).

MATTE, Ana Cristina Fricke e ABRIATA, Vera. *O corpo, a paixão no pensamento de Ignácio A. Silva (I): Corpo e Paixão: a gênese do sujeito*. Cadernos de Semiótica Aplicada. Vol 2. n.2, dezembro de 2004.

Site:

Jovem surda é vítima de bullying. Disponível em <<http://videos.r7.com/jovem-surda-e-vitima-de-bullying-de-colegas-e-professora-em-escola-no-rio/idmedia/4e60d490e4b0d8fde1c5ad4a.html>>. Acesso em 20 set. 2011.